

DISCURSO DO RETRATO

I

Há momentos nos quais, seja qual for a posição do corpo, a alma está de joelho.

Aproximo-me desta solenidade como Bilac se aproximava da casa paterna: *com a alma livre e o coração sem susto*; mas confesso sinceramente que foram enormes as dificuldades que tive para preparar este discurso, porque este dia, recheado de múltiplas e significativas comemorações, me traz emoções caríssimas e felizes, coisas que me atropelam e mesmo me submergem: a aposição de meu retrato nesta Galeria de ex-Presidentes do Superior Tribunal de Justiça, por si só já me inunda a alma de alegria, *por que bem sei que doravante passo a ser visto na companhia de homens destacados, que cedo aprendi a reverenciar e a respeitar, com eles repartindo agora as honras da lembrança.*

Estar nessa galeria é como integrar uma constelação, é como participar de uma seleção de figuras excelsas; se não fosse uma ousadia sem limite, eu diria que é como se fosse uma *apoteose*, uma honraria realmente ímpar no seu simbolismo, a demonstrar que *o tempo fica: não é verdade que passe. Fica nas coisas para que um pouco de nós sobreviva à nossa desapareição.*

Nesta galeria, vejo-me ao lado desses Magistrados notáveis, de virtudes veneráveis: Gueiros Leite, nosso primeiro presidente; Washington Bolívar, em cuja vaga ingressei no STJ, quando presidido por Torreão Bráz, homem santo que me recebeu com cordialidade e afeto; William Patterson, que nos trouxe da antiga sede, onde hoje funciona o Tribunal Regional Federal da 1a. Região, para este espaço maravilhoso; Romildo Bueno de Souza; o saudoso Américo Luz; Pádua Ribeiro que, juntamente com Costa Leite, Nilson Naves e Edson Vidigal, idealizaram e articularam com rara maestria e

denodo a criação do STJ; Barros Monteiro; e Gomes de Barros, o juiz que vi julgar com maior humanidade, dentre tantos com quem convivi e convivo, numa harmoniosa parceria que vai muito além da natural e espontânea amizade unida pelo trabalho, moldada pela preocupação em comum de fazer a melhor justiça, e chega às culminâncias de uma relação realmente fraternal.

II

Mas hoje chego também aos meus 20 anos como Ministro desta Corte – uma marca que nunca pensei atingir – e o lançamento de uma grande obra jurídica, em minha homenagem e por causa desse evento, elaborada por 63 juristas do melhor quilate e amigos da mais fina qualidade, além de outros trabalhos de minha autoria (*Breves Reflexões Críticas sobre a Ação de Improbidade Administrativa, Palavras Escolhidas e Ementários*), de bem menor importância – é certo – tudo isso me enleva e me encanta e tenho o espírito acessível a essas manifestações de apreço, máxime quando vêm mescladas de criações jurídicas refinadas e elaboradas com esmero e competência.

Na coleção de Estudos Jurídicos que agora é lançada, em minha homenagem, coordenada pelos queridos colegas e amigos Napoleão Nunes Maia Filho, Jorge Mussi e Luiz Felipe Salomão, me vejo consagrado pela largueza dessa honraria engrandecedora e agradecido pela imensidão do seu valor, tanto como peças jurídicas de elaboração impecável, como pela expressão de amizade sideral que não julgava merecer.

A menção dos seus nomes me envaidece e me orgulha e penso que decliná-los em ordem alfabética é a única maneira de manifestar a minha igual e imensa gratidão a todos eles:

ANTÔNIO CARLOS FERREIRA

ANTÔNIO CARLOS MATHIAS COLTRO

ANTÔNIO CLAUDIO FERREIRA NETTO

ANTÔNIO DE PÁDUA RIBEIRO
ANTÔNIO FERNANDO BARROS E SILVA DE SOUZA
ARI PARGENDLER, MEU PRESIDENTE QUE TAMBÉM PREFACIOU MEUS
EMENTÁRIOS
ARISTIDES JUNQUEIRA
ARNOLDO WALD
ARYSTÓBOLO DE OLIVEIRA FREITAS
BENEDITO GONÇALVES
BRUNO DANTAS
CAIO CESAR VIEIRA ROCHA
TIAGO ASFOR ROCHA LIMA
CARLOS AYRES BRITTO PRESIDENTE DO STF
CARLOS FERNANDO MATHIAS DE SOUZA
CELSO CINTRA MORI
EDUARDO FERRÃO
ELLEN GRACIE NORTHFLEET
ENRIQUE RICARDO LEWANDOWSKI
EURICO TELES
FERNANDO GONÇALVES
FRANCISCO AMARAL
FRANCISCO FALCÃO
GABRIEL WEDY
GILMAR FERREIRA MENDES
HAMILTON DIAS DE SOUZA
HUGO DE BRITO MACHADO
HUMBERTO MARTINS
IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
IVETTE SENISE, PRESIDENTE DO IASP
JOÃO OTÁVIO DE NORONHA
JORGE MUSSI
JOSÉ ANTÔNIO DIAS TOFFOLI
JOSÉ ANTÔNIO FICHTNER

ANDRÉ LUÍS MONTEIRO
JOSÉ DE CASTRO MEIRA
JOSÉ EDUARDO CARDOZO
LUÍS FELIPE SALOMÃO
LUÍS INÁCIO LUCENA ADAMS
MANUEL ALCEU AFFONSO FERREIRA
MARCELO NOBRE
MÁRCIO THOMAZ BASTOS
LUIZ ARMANDO BADIN
MARCO AURÉLIO GASTALDI BUZZI
MARCOS ANTÔNIO PEREIRA
MARCUS VINICIUS FURTADO COELHO
MARIA CRISTINA PEDUZZI
MARIA THEREZA DE ASSIS MOURA
MASSAMI UYEDA
MAURO CAMPBELL MARQUES
MIRO TEIXEIRA
NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO
NILSON NAVES
PAULO COSTA LEITE
RAUL ARAÚJO FILHO
RÉGIS FERNANDES DE OLIVEIRA
RICARDO VILLAS BÔAS CUEVA
ROBERTO MONTEIRO GURGEL SANTOS
ROBERTO ROSAS
RUI STOCO
RUY ROSADO DE AGUIAR JUNIOR
SIDNEI BENETI
TÉCIO LINS E SILVA
TEORI ALBINO ZAVASCKI
VASCO DELLA GIUSTINA
WALTON ALENCAR RODRIGUES

E AINDA CARLOS MÁRIO DA SILVA VELOSO, APRESENTADOR DAS MINHAS
REFLEXÕES...

E RAUL CUTAI APRESENTADOR DAS MINHAS *PALAVRAS ESCOLHIDAS*

Sobre os meus 20 anos, muita coisa eu teria a dizer, e muitas histórias a contar, mas vou me restringir ao que de mais significativo guardo e conservo na minha memória; quando saí do Ceará, vim para ficar, queimei as minhas caravelas que eu deixara em seus portos, não como técnica material para me impedir a viagem de volta, mas como símbolo de que virava uma página da minha vida, ingressava em outro ambiente e desenvolvia outras e novas relações de amizade e de convivência, de trabalho e de realizações.

Desses mesmos portos cearenses, onde por primeiro no Brasil foi proibido o desembarque de escravos, partiu um advogado livre para aqui se tornar escravo de um trabalho penoso e angustiante, como é a sina de um juiz sensível e consciente que o seu destino é o de julgar vidas humanas, resguardar honras, proteger patrimônios e preservar liberdades, valores irrenunciáveis e perenes, herança cultural de muitos séculos, às vezes incompletamente contidos nos complexos processos judiciais que diuturnamente recebemos.

Sou testemunha que o juiz é forçado a renunciar à sua própria vida, que passa a ficar exposta, fora de seu domínio e do seu controle, atarefado a mais não poder nos seus misteres frequentemente incompreendidos e muito amiúde desvalorizado e, no entanto, sempre inquietado por nunca poder a contento dar conta de oferecer uma justiça célere ao jurisdicionado perplexo, que com tanta razão e mais esperanças reclama da sua morosidade e ansiosamente padece à espera do julgamento do processo de sua vida, para ele o *mais importante do mundo*.

É uma grande provação suportar o peso dessa carga, tornada mais leve – é verdade – pela convivência saudável com os 87 colegas e com todos servidores e amigos com quem trabalhei e

trabalho, de quem hauri grandes lições jurídicas e de como bem julgar, e com quem posso compartilhar e reparto essas graves angústias que a todos nos assolam.

Não vou dizer, como Bandeira, *meus amigos, cheguei ao termo da jornada*, porque ela continua, mas quando olho para o meu passado de 20 anos não tenho do que me arrepender, nada tenho para rejeitar do que fiz, nada registro que precise apagar da minha memória ou esconder nos escaninhos do esquecimento; mas, como Borges dizia que se retomasse o caminho da sua vida dedicaria mais tempo a ver os poentes do sol de Buenos Aires, eu lhes digo – sem mágoa, como o velho Borges – que dedicaria mais atenção aos detalhes existenciais dos julgamentos, descobriria mais agudamente os grandes dramas humanos que se hospedam – como *inquilinos incômodos* – nas armadilhas dos autos de um processo, afastando de vez a possibilidade de o julgamento se transformar em um ato aleatório.

Agradeço a carinhosa presença de tantos queridos e carinhosos Amigos, muitos dos quais aqui estiveram há vinte anos, sem cabelos brancos (e ainda com vastas cabeleiras), sem rugas nos rostos, andando eretos, *sem caminhar um pouco de banda pois ainda não carregávamos nossos mortos*; tudo compensado porque agora estão minha Magda, com nossos quatro filhos, dois genros e duas noras, nossos oito netos, incluindo o que está para chegar, a mostrar que *não importa ao tempo o minuto que passa, mas o que está por vir*.

Como disse o Ministro Napoleão, meu Irmão, não de cinquenta anos, mas de várias vidas, agora faço parte deste imóvel e espero, com a força de suas amizades e a ajuda de suas inteligências, ser uma de suas colunas de sustentação, com orgulho e sem imponência, com firmeza e sem arrogância. Como quis ser até aqui.

Muito obrigado!